

A EXPERIÊNCIA DA 'NOITE ESCURA' E A BUSCA DE SENTIDO: DIÁLOGO ENTRE OS PRISIONEIROS SÃO JOÃO DA CRUZ E VIKTOR FRANKL

THE EXPERIENCE OF THE 'NOITE ESCURA' AND THE SEARCH FOR MEANING: A DIALOGUE BETWEEN THE PRISONERS SÃO JOÃO DA CRUZ AND VIKTOR FRANKL

Claudiana Soares Costa

Fabício Possebon

Universidade Federal da Paraíba

Resumo. A busca de sentido para além do sofrimento é inerente à condição humana. Encontramos indivíduos que ao experimentar uma situação limite descobrem um sentido para lutar pela vida, apesar de tudo. Analisaremos as experiências de São João da Cruz no cárcere de Toledo e de Viktor Frankl no campo de concentração em Auschwitz. Ambos encontraram saídas criativas para superar a angústia que viveram ao serem presos e fortemente debilitados, de modo que transcenderam uma realidade aparentemente insuportável. Utilizamos da metodologia qualitativa de tipo descritiva e bibliográfica sob a análise do poema 'A noite escura' e o livro 'Em busca de sentido', consecutivamente. As produções literárias aparecem como construtos simbólicos e contributos de humanização, funcionando como um forte sistema de sentidos.

Palavras-chave: A Noite escura; A busca de sentido; São João da Cruz; Viktor Frankl; Transcendência.

Abstract. The search for meaning beyond suffering is inherent to the human condition. We find individuals, who passing through an extreme situation, discover a reason to fight for life, in spite of everything. We will analyze the experiences of São João da Cruz, in the jail of Toledo, and Viktor Frankl in the concentration camp in Auschwitz. Both found creative ways to overcome the anguish they lived when arrested and heavily weakened, so that they transcended a seemingly unbearable reality. We use a qualitative, descriptive and bibliographical methodology in the analysis of the poem 'A noite escura' and the book 'Em busca de sentido', consecutively. The literary productions appear as symbolic constructs and contributions of humanization, acting as a strong system of meanings.

Keywords: A Noite escura; The search for meaning; São João da Cruz; Viktor Frankl; Transcendence.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes, ficamos paralisados diante de uma pressão externa que nos é imposta, principalmente, frente à possibilidade real de morrer, em que parece ser impossível encontrar um motivo significativo para lutar pela preservação da vida. No entanto, é possível encontrar pessoas que ao passar por uma profunda ameaça, ao invés de desistir da vida, lutam por ela a qualquer ‘custo’, encontrando saídas criativas de superação humana em sua contingência. Nesta perspectiva nos propomos a analisar as experiências de São João da Cruz no cárcere de Toledo e de Viktor Frankl no campo de concentração em Auschwitz.

Transitamos nas experiências destes prisioneiros a partir de suas produções literárias: O poema ‘A noite escura’ e o livro ‘Em busca de sentido’, consecutivamente. Em tais obras encontram-se vestígios da condição humana, podendo ser revisitada em qualquer tempo e lugar, sob inúmeros olhares. Para tanto, utilizamos da metodologia qualitativa de tipo descritiva e bibliográfica. Didaticamente, contemplamos neste trabalho: A Transcendência e a busca de sentido; A poética mística de São João da Cruz e A Trajetória de Viktor Frankl.

A vida é transfigurada pela arte, pois, por meio da literatura há possibilidades de compreender o humano em sua busca por realização de sentido. Em tais protagonistas, por exemplo, a busca por esta realização se deu pelo sentimento de amorosidade, prevalecendo-o em meio a tantos temores por conta das severas agressões à dignidade humana nas referidas prisões. Portanto, a amorosidade de ambos

sinaliza que o amor é afim a transcendência e como tal é carregado de criatividade e coragem sob quaisquer circunstâncias e condições.

Se entendermos que o sofrimento é inerente à condição humana, seja como for, a vida interpela-nos para uma experiência transcendente mediada pelo amor, assim como aponta a canção de Zizi Possi “Vá, e entre por aquela porta ali, não tem caminho fácil não, é só dar um tempo que o amor chega até você.” Logo, o homem é um ser carente de significados que necessita cumprir seu destino tendo um alvo que o motive a dar voos para além de si mesmo.

A TRANSCENDÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO

A busca para a realização de sentidos é marca essencial da condição humana, pois, diferentemente dos animais, o homem se recusa a viver simplesmente por viver, procura respostas para suas indagações existenciais e, ao experimentar seus limites, convive com o desespero que parece ser característico também desta condição, a humana - insuficiente e limitada.

O homem procura cumprir um sentido para justificar a existência e amenizar a agonia que a vida, diante da perspectiva da finitude e dos próprios limites, lhe impõe. Procura transcender a própria realidade, acreditando que a vida tem sentido para além de si mesma, pois, é possível ao homem enfrentar muitos desafios, todavia, o de viver sem sentido parece ser algo insuportável. Para Frankl (2007) este “sentido não pode ser dado, mas precisa ser encontrado, descoberto” (p. 83).

Para tanto o homem busca algo fora de si, que lhe transcenda de modo a extrapolar as próprias limitações. Assim, o homem vive numa busca incessante pela autotranscendência, seja para justificar a existência, para honrar a própria vida, pela angústia diante da finitude, entre outros. A este respeito Frankl (2007) afirma:

Aquela característica ontológica fundamental da realidade humana que acabei denominando de “autotranscendência” da existência. Isso que dizer que ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras [...] ele é orientado para o mundo lá fora, e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar. (p. 99).

Esta procura pelo sentido pode se resvalar na busca por um Ser que se encontra além da nossa realidade humana e finita, levando-nos à compreensão do fenômeno de espiritualidade e religiosidade. Esta perspectiva representa, portanto, a recusa de que a vida se esgote na sua materialidade, deparando-nos assim, com a noção de transcendência que consiste em que as coisas, a vida e o sentido são construídos para além do imediato.

Para Leonardo Boff (2007), a transcendência está além das instituições religiosas, constituindo-se enquanto extensão profunda do ser humano, que se desponta como o desafio mais oculto da vida humana, revelando o potencial humano de superação da própria realidade. Frankl (2012) corrobora afirmando que a sobrevivência humana é respaldada pela busca de sentido que se resvala “graças a uma orientação para o futuro, para um sentido cuja

realização é esperada no futuro, de modo que a essência da existência no sentido é uma forma de ser”. (pp. 12 e 63).

Desta feita, a transcendência leva o ser humano a ultrapassar os limites do conhecimento empírico e o leva a extrapolações religiosas. Para o autor, “possuímos essa dimensão de abertura, de romper barreiras, de superar interditos, de ir para além de todos os limites. É isso que chamamos de transcendência. Essa é uma estrutura de base do ser humano”. (Boff, 2000, pp. 7 e 8). Isto nos leva a conceber o homem enquanto um ser em constante movimento que, pela sua capacidade de abertura para o diferente - O outro - tende a projetar-se para além daquilo que lhe é posto.

Daí a importância da relação com o Outro, o reconhecimento do diferente, que nos abre novas perspectivas de autoconhecimento. “É uma experiência suprema, em que os seres humanos saltam na direção do outro, numa fusão gratificante”. (Boff, 2000, p. 14). Deste modo, o outro que “é não somente o mistério intransponível, mas também *mysterium fascinans*, que convida ao encontro e que se abre ao aprendizado da diferença”. (Teixeira, 2004, p.18).

O Outro é visto como possibilidade de transcendência – relação. Refere-se a uma abertura que, por meio da sensibilidade, leva o ser humano a viver novos desafios, solicitando-o à apreciação do mistério que representa cada pessoa. “O homem é constituído como um nó de relações voltado para todas as direções, para o mundo, para o outro e para o Absoluto”. (Boff, 2000, p. 31).

Portanto, o ser humano necessita transcender e o faz por meio de algo ou de alguém, buscando este fora de si na espiritualidade ou religiosidade. Nesta perspectiva encontra-se a pessoa espiritual que, segundo Frankl (2012) pode ser contemplada nos momentos em que o homem é confrontado, sempre e a qualquer momento.

Entendemos que na conduta do ser humano religioso transparece sua relação com o Sagrado, esse fora de si que lhe dá sentido, e esse comportamento expressa-se em símbolos, mitos e ritos, tendo estes, sintonia direta com a vida concreta do ser humano. O surgimento da relação com o sagrado se dá pelas chamadas questões existenciais, tanto no modelo mais “primitivo” como também frente às novas expressões religiosas da contemporaneidade.

A religião pode continuar a ser um termo útil desde que não nos esqueçamos de que ela não implica necessariamente a crença em Deus, deuses ou fantasmas, mas que se refere à experiência do sagrado, se encontra relacionada com as ideias de *ser, sentido e verdade*. (Eliade, 1969, p. 9).

Nesta experiência transcendente o humano é a via que possibilita a manifestação do sagrado, cujo sentido extrapola as vias institucionais da religião, bem como, a razão científica dita possuidora da verdade. A Transcendência, portanto, potencializa as possibilidades humanas, pois, diferentemente dos animais, o homem não se conforma apenas em viver, exige uma justificação para a própria existência, acreditando que a vida possui um sentido que extrapola o presente vivido.

Trata-se na perspectiva de Frankl (2012, p. 96) “da capacidade do homem de estar acima das coisas faz parte também a possibilidade de estar acima de si mesmo”. Sendo assim, entendemos que a experiência com o Sagrado, necessariamente, não está vinculada com a instituição religiosa, mas, sobretudo, sinaliza que o homem busca uma conexão com algo que dê sentido para o seu existir e que considere sua experiência, sua vivência. Capaz de transformá-lo em algo diferente mediante a adesão de valores positivos. Logo, a realização de sentido independe se a pessoa pertence a alguma crença religiosa ou não.

[...] somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma essa totalidade como sendo bio-psico-espiritual. A esta totalidade, ao ser humano, pertence o espiritual, e lhe pertence como sua característica mais específica. (Frankl, 2007, p. 23).

Mostra que a especificidade humana consiste, sobretudo, na sua dimensão espiritual - na sua capacidade noológica - cuja capacidade é o que de fato o diferencia dos animais. Bem como, configura o homem enquanto uma entidade formada numa unidade, de modo que ele não deve ser fragmentado, nem engessado em conceitos fechados.

Para Frank (2007), o homem é sempre ‘mais que’ de modo a entendê-lo como um mar de possibilidades, uma vez que este deixa de ser visto como uma coisa, exclusivamente mecanicista em que sua capacidade de transcendência é negada. Para o autor, o ser humano é movido por um anseio de sentido – sempre na busca por compreender sua existência em uma situação de sentido.

A POÉTICA MÍSTICA DE SÃO JOÃO DA CRUZ (SJC)

A Mística é uma trajetória de profundo entrelaçamento com o mistério transcendente, em cuja dinâmica se privilegia a experiência. Remete a um acontecimento relacional pelo qual o humano se funde com o sobrenatural. “Olha-se para o humano como via necessária para o divino” (Teixeira, 2004, p. 41).

O pensamento místico tenta conceituar uma experiência que acontece na intimidade humana. “É a partir do discurso místico que nos aproximamos tanto da experiência mística quanto do próprio objeto da mística: O Místico”. (Sell, 2006, p.19). Os místicos aparecem como indagadores das profundezas da alma em busca do Divino, com o que corrobora Campbell ao assinalar que “o pouso da alma é aquele lugar onde o mundo interior e o exterior se encontram”. (1990, p. 60).

Nesta “tela pintada” de comunhão entre o humano e o Divino, destacamos a reflexão de Sell, citando, William James (2006, p. 25) referente aos seus escritos: ‘As variedades da experiência religiosa’, onde defende que as condições místicas são distinguidas por quatro elementos:

Inefabilidade: que não se pode fazer com palavras nenhum relato adequado do seu conteúdo; Qualidade noética: os estados místicos parecem ser estados de conhecimento, estados de visão interior dirigidas a profundezas da verdade não sondadas pelo intelecto discursivo; Transitoriedade: os estados místicos não podem ser sustentados por muito tempo; e Passividade: o místico tem a impressão de que a

sua própria vontade está adormecida e, às vezes, de que ele está sendo agarrado e seguro por uma força superior.

Para o autor, a experiência mística promove uma conexão com a realidade em todas as dimensões, denominando-a de consciência cósmica. Assim, evidenciamos que a mística envolve essencialmente experiências de realização de sentido último por meio das expressões de unidade, felicidade, tempo, presença e morte. Tudo aquilo que diz respeito à realidade vivida pelo ser humano em sua própria condição. Desse modo, é possível que as pessoas, motivadas por suas experiências místicas, despertem para novas sensibilidades e convivam melhor com a diversidade. O encontro direto com o Sagrado, para além dos rituais litúrgicos da comunidade, motiva o ser humano para a abertura e mudanças.

Sob “estas lentes” entendemos que a mística Cristã (base da religiosidade de São João da Cruz), apresenta o mistério da salvação como um acontecimento que vem do Deus transcendente. Segundo Bingemer (2004), a especificidade da mística Cristã consiste na busca de Deus que culmina com a experiência do Cristo encarnado. Corresponde a uma experiência em que é o próprio Deus que mantém o movimento da vida em todos os seus aspectos. Neste movimento, Deus se faz presente no humano e o diviniza, alterando sua relação com o tempo e o espaço.

SOBRE SÃO JOÃO DA CRUZ

São João da Cruz (SJC) é um marco da literatura espanhola e vértice da mística católica. Nasceu em Fontiveros, em 1542. Ingressou na

ordem dos carmelitas em 1563 e faleceu em 13 de dezembro de 1591. Realizou os estudos de filosofia e teologia em Salamanca. Foi um grande cooperador e mestre conselheiro de Teresa de Ávila (proclamada doutora da Igreja Católica pelo Papa Paulo VI) na reforma do Carmelo. Deixando estes um legado de espiritualidade inapagável para a Mística do ocidente. SJC se inspirou nos Cânticos dos Cânticos ou Cantares de Salomão (Bíblia) para a relação do amor esponsal entre Criatura e Criador - visíveis nos seus poemas.

Segundo relatos, a rigidez e a ortodoxia do sistema de estudos sufocavam a vocação contemplativa do místico carmelitano, entrando ele em crise profunda. No entanto, sua amiga Teresa de Ávila, o convence a buscar total perfeição permanecendo na própria Ordem. Após tal decisão, ele assumiu a reforma do Carmelo, pois defendia coerência entre doutrina e prática cotidiana, motivo pelo qual sofreu terríveis perseguições. (Teixeira, 2006, p. 59).

O místico São João da Cruz inovou o movimento carmelitano, assumindo várias tarefas como o de mestre espiritual de noviços, etc., porém, seu trabalho foi interrompido com a sua prisão em Toledo num cárcere conventual, em dezembro de 1577. Ele foi sequestrado pelos próprios confrades que estavam insatisfeitos com o novo rumo que ele estava propondo à ordem Carmelitana. SJC se opôs às contradições da instituição religiosa em que vivia, introduzindo a todo custo a reforma do Carmelo, buscando a vivência da essência cristã – do cristianismo dito primitivo. Sua experiência mística não o deixou alienado da realidade, mas o levou a buscar autenticidade em seu contexto conventual.

Seu gesto de renovação e compromisso a favor de mudanças foi entendido e julgado como um ato de desobediência e rebeldia. Motivos pelos quais, seus próprios confrades o deixaram preso a pão e água durante nove meses e o perseguiram até a morte. Assim, percebemos que o sofrimento é uma marca visível na caminhada de SJC. No entanto, em tal experiência dolorosa ele encontra uma maneira de expressar seus sentimentos de solidão, fé e esperança em um Deus que se revela e vai ao encontro para redimir sua Criatura, conforme defende a mística Cristã. A este respeito afirma Souza:

Portanto, no cárcere de Toledo sua verve poética nasce como expressão de sua necessidade de comunicar o que vivia, de compreender essa vivência ao expressá-la simbólica e liricamente, e revela também sua necessidade de uma saída criativa para a grave angústia que viveu ao ser isolado e debilitado fisicamente (Souza, 2010, p. 149).

As atividades do prisioneiro São João da Cruz se resumiam na meditação, reza, espera e pensamento, isto durante noites e dias infundáveis. Simbolicamente foi nesta “gestação” de total sofrimento, que ele gerou seus poemas. Chama-nos a atenção o fato de que, mesmo com todas as contradições enfrentadas, SJC permaneceu vinculado à instituição religiosa, superando seu peso estrutural. (Teixeira, 2006, p. 60).

Outra significativa observação feita por Teixeira é que devemos admirar neste místico o seu grau de espiritualidade em que versos impregnados de quietação e com um formato estético refinado surgiram na sofrida solidão e miséria de um calabouço. “Privado de todo

horizonte exterior, abriram-se-lhe as profundas entranhas do sentido com imagens de luz e espaços místicos”. (2006, p. 60). Assim, na vida deste místico, a experiência poética entrelaça-se com a experiência religiosa de modo que seus poemas representam um portal de acesso à transcendência.

SOBRE O POEMA ‘A NOITE ESCURA’

Para apreendermos este poema é imprescindível que levemos em consideração que, para São João da Cruz, a noite tem um caráter essencialmente simbólico. De modo que ele tenta intuitivamente mostrar o abismo noturno da vivência transcendente. Esta tem a representação de uma noite sagrada, pois é por meio desta que SJC saiu em busca do Amado (Criador) e ao mesmo tempo ele era o amado (Criatura) procurado pelo Amado. “Se a alma procura a Deus, muito mais o seu Amado a procura” (Cruz, 1993, p. 9).

Este poema narra a trajetória da alma em busca da plena comunhão com Deus. Tal trajetória é citada como “Noite Escura”, uma vez que a escuridão lembra os obstáculos da alma em despojar-se do mundo material e atingir a claridade plena da relação perfeita com o Criador. A ideia central da “Noite Escura” pode ter uma interpretação como sendo a espinhosa experiência que os sujeitos têm de enfrentar ao buscar o amadurecimento espiritual.

Para SJC Deus é noite, que somente se dá a conhecer para quem corajosamente se aventura nesta busca. Quanto a essa busca é necessário entender que SJC faz distinção entre a noite dos sentidos e a noite do espírito. Ele compreende o homem como um ser composto

por duas partes: a exterior que chama de sentidos, tudo aquilo que dá prazer sensitivo e a parte interior que a identifica como a dimensão espiritual, onde reside a vontade, o amor e a inteligência, trata-se de um saber mais intuitivo e profundo. (Cruz, 2002, p. 462).

Portanto, na noite dos sentidos, o amor é purificado e se aprofunda, gerando uma nova edição do amor. Nesta noite todos os desejos são purificados, a pessoa deixa de ser uma pessoa superficial para ser uma pessoa profunda. Na noite do espírito, por sua vez, a pessoa se diviniza, aprendendo a amar a Deus incondicionalmente.

Desta forma, estas noites purificam o ser humano em sua dimensão sensitiva e espiritual. (Teixeira, 2004, p. 54). SJC além de teólogo é um grande poeta místico da literatura espanhola que tendo decidido a buscar Deus e entrar em comunhão com Ele põe-se a caminho e canta esta difícil e complexa aventura da fé (Cruz, 2002, pp. 438 e 439):

NOITE ESCURA

I

*Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamada,
Oh! Ditosa ventura!
Sai sem notada,
Já minha casa estando sossegada.*

II

*Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! Ditosa ventura!
Na escuridão, velada,
Já minha casa estando sossegada.*

III

*Em noite tão ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia.*

IV

*Essa luz me guiava,
Com mais clareza que a do meio-dia
Aonde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em sítio onde ninguém aparecia.*

V

*Oh! Noite que me guiastes,
Oh! Noite mais amável que a alvorada!
Oh! Noite que juntaste
Amado com amada,
Amada já no Amado transformada!*

VI

*Em meu peito florido
Que, inteiro, para ele só guardava,
Quedou-se adormecido,
E eu, terna, o regalava,
E dos cedros o que o refrescava.*

VII

*Da ameia a brisa amena,
Quando eu os seus cabelos afagava,
Com sua mão serena
Em meu colo soprava,
E meus sentidos todos transportava.*

VIII

*Esquecida, quedei-me,
O rosto reclinado sobre o Amado;
Tudo cessou. Deixei-me,
Largando meu cuidado
Por entre as açucenas olvidado.*

Segundo Faustino Teixeira (2010), este poema foi elaborado inicialmente, entre 1578 e 1579. Os comentários em prosa, por sua vez,

foram escritos posteriormente, na ocasião em que São João da Cruz ficou em Granada (1582-1588). Apresenta o poema dividindo-o em três partes, quais sejam:

Nas quatro primeiras estrofes (I-IV) aborda-se a peregrinação da amada na noite escura e ditosa, que parte para o Amado guiada pela luz que em seu coração ardia. Na quinta estrofe (V) celebra-se a chegada da amada no “sítio onde ninguém aparecia” e o festejado anúncio da união mística: “Oh! noite que juntaste Amado com amada, amada já no Amado transformada”. A cena mesma da união acontece nas últimas três estrofes do poema. É o momento de maior densidade lírica, onde fala a força do poeta, com a presença de imagens de uma intensidade inusitada. As últimas três estrofes da “Noite” são de uma beleza esplendorosa. É o momento onde transparece a força tátil do “poeta das carícias” que é SJC. São preciosas líras preenchidas por imagens “intensamente perfumadas” e sublimes, que formam uma rica atmosfera estética. A fragrância dos versos remete ao ambiente alegórico do Cântico dos Cânticos, com seus cedros, ameias e açucenas. Há também semelhante representação erótica, com imagens magníficas que intercambiam delicadezas entre a amada e o Amado. Como é bela a cena onde no peito florido da amada o Amado deixa-se quedar adormecido (N 6). Não há melhor caminho para falar da união do humano com o divino que a alegoria do amor humano. (Teixeira, 2010, pp. 4 e 5).

Percebemos no poema a natureza artística e poética de SJC. Parece desnudar-se de todo conhecimento teórico, doutrinário e teológico de seu tempo, bem como, ultrapassa os postulados institucionais que recebeu em sua

formação religiosa. Nós o vemos penetrar em algo impenetrável, tomado por uma luminosidade típica da noite dos amantes. É perceptível como ele faz uso da forma humana de amor para se dirigir ao amor Divino. Deixando-se deliciar por aquele que é “O Radicalmente e Totalmente O Outro”.

Embora o místico SJC carregue no próprio nome ‘a Cruz’, escolhido no rito conventual carmelitano, é a Noite, porém, que ganha destaque em seu poema. Ela é o centro de sua poética mística, pela qual mostra todas as suas facetas cósmicas que, ora poderá ser tenebrosa, aterradora e destruidora, ora o aconchego profundo, descanso pleno para o corpo. A noite cósmica, portanto, apresenta dois aspectos: além das noites amedrontadoras. Há noites cujo encanto do luar é um banho de luz suave:

Além da noite clara, tem também valor a noite escura, que amortece a agitação e ruídos diurnos, trazendo calma e paz. Tudo isso tem repercussão mental e espiritual na alma humana. Existe uma noturna e suave claridade do espírito, em que livre da faina diurna, distendido e recolhido ao mesmo tempo, ele se concentra no profundo sentido do seu ser e da sua existência, do mundo e do sobrenatural. Há também um repouso, repassado de profunda gratidão, na paz e calma noturnas. (Stein, 1998, p. 42).

Estes aspectos são essenciais para quem deseja entender o simbolismo da noite, utilizado por SJC, para quem a *Noite* é o próprio Deus, a dimensão misteriosa da vida interior: “É o caminho da alma para Deus e a ação de Deus na alma”. (Stein, 1998, p. 38). SJC faz uso simbólico da noite cósmica para explicar a noite

mística, mostrando que entre ambas há uma distinção significativa. A noite cósmica é algo que vem de fora e a noite mística que experimenta, tem sua origem no íntimo da alma e só envolve a alma na qual é penetrada pela ação amorosa do Criador.

Segundo Stein, para o místico carmelitano, há uma luz noturna que abre no fundo da alma um mundo novo e ilumina com sua claridade interna o mundo exterior, revelando-o completamente mudado. Trata-se de uma experiência mística que brilha e transparece nas atitudes. Isto nos traz uma questão interessante: a noite cósmica que é universalmente conhecida passa, em seu valor simbólico enquanto noite mística (experiência mística) para algo desconhecido e de complexa compreensão, embora haja uma mútua correspondência entre ambas, na qual é permitido compreender uma mediante a outra. (1998, p. 44). E ainda:

A noite é a expressão cósmica indispensável à cosmovisão mística de São João da Cruz. A preponderância do símbolo da noite vem indicar que, nos escritos do santo Doutor da Igreja, quem fala não é tanto o teólogo: é mais o poeta e o místico, embora o teólogo vigie e governe com cuidado os pensamentos e expressões. (Stein, 1998, p. 44).

Para Teixeira, a alma que entoia esse cântico já atravessou a noite e chegou ao final, tendo se unido ao divino Esposo. “O cântico é por esta razão, um hino de louvor à noite, que se transformou em caminho para a bem aventurança” e ainda “Instaura-se uma original recriação e tradução de um processo espiritual. ‘Seus versos implicam a anulação do tempo, do

espaço, do lugar'. Mais ainda, da lógica e do raciocínio mesmo". (2004, p. 23).

Notamos assim que para SJC o amadurecimento espiritual é construído mediante etapas. Para ele o sujeito vai adquirindo sensibilidade para com a dinâmica da vida, com o universo e com o absoluto, cujo processo faz brotar novas concepções a respeito da vida e de tudo que o cerca.

Neste sentido, o sujeito penetrado pelo amor Divino vai resignificando a própria trajetória de vida de modo que seus valores tidos como superficiais vão perdendo força, vão sendo adormecidos, por isso ela canta "Saí sem notada, Já minha casa estando sossegada" (N 1)¹. A alma se apresenta como sossegada porque todos os seus desejos sensitivos se acalmaram.

Para Teixeira SJC rompe com todos os apegos, abrindo-se para habitar o universo inteiro, pois ele se vê fundido com o mistério sempre maior. Que ele experimenta a dimensão mais profunda do encontro que, apenas pela poesia é possível expressar algo tão sublime, que 'quanto mais o buscamos Ele se deixa escapar'. (Teixeira, 2010, p. 7). Percebemos que as oito estrofes do poema vão revelando o processo dinâmico de união entre os dois amores, intercedido pela noite que, enquanto metáfora, apresenta-se como possibilidade real para a contemplação, fase em que o humano é refundado pelo divino.

¹ Noite Escura, verso 1.

A TRAJETÓRIA DE VIKTOR FRANKL

Viktor Frankl nasceu em Viena aos 26 de março de 1905, falecendo aos 92 anos em Viena. Foi médico psiquiatra, neurologista, psicoterapeuta e fundador da Logoterapia que consiste na prática da cura pelo sentido da vida - o sentido que ela busca é um sentido concreto. Tem como objetivo "conscientizar o ser humano de seu ser-responsável, ou trazer perante sua consciência o caráter de responsabilidade da existência. (Cf. FRANKL, 2007, p. 17).

A Logoterapia, como análise existencial que é, reconhece na pessoa a 'dimensão noológica' situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística. (Frankl, 2007, p. 6).

Trata-se de uma dinâmica que explica a essência da existência humana centrada na valorização da realização do sentido para além de si mesmo, pois, "o homem não existe para se observar a si mesmo, mas sim para se entregar, para se sacrificar e para se abandonar conhecendo e amando" (Frankl, 2012, p. 83).

Constatamos, portanto, que Frankl foi um exemplo de coragem, amor ao próximo e de profunda fidelidade ao sentido da própria existência, mesmo diante da experiência dramática de prisioneiro. Diferentemente de muitos, ele saiu do campo de concentração de forma altruística oferecendo ao mundo moderno uma profunda mensagem de esperança.

O objetivo de sua obra 'Em busca de sentido' consiste em relatar o comportamento humano diante de uma realidade de extremo

sofrimento em que a dignidade humana foi brutalmente negada. E, que mesmo sob tais condições houve a possibilidade de uma decisão pessoal de optar pela vida ou desistir dela. Mostra que para decidir positivamente a favor da vida, é imprescindível o sentimento de responsabilidade perante alguém ou algo, pois, “[...] a análise existencial de Frankl concebe a vida como uma tarefa ou um dever, no qual cada ser humano é confrontado com um valor específico no mundo, onde ele se torna único e insubstituível. (Aquino, 2011. P. 51).

Frankl (1991) relata suas observações, destacando que dentre os prisioneiros, apenas quem conseguiu agir eticamente, foram aqueles que possuíam o senso de dever com algo ou alguém, ou seja, aqueles que tinham responsabilidades para com a uma fé religiosa, com um animal, com a família, com um amor, causas sociais, entre outras. Nesta perspectiva, o autor declara em sua obra que ele possuía três motivos para viver, quais sejam: sua vocação, a esperança de reencontrar sua amada e sua fé. Defende que “[...] viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento”. (Frankl, 1991, p. 76).

É admirável perceber a superação de Frankl no campo de concentração. Mesmo sendo prisioneiro por tantos anos, com sua mulher grávida, mãe, pai e irmão mortos pela ação dos nazistas, sofrendo maus tratos, passando fome, etc., conseguiu mostrar que apesar de tudo a vida precisou ser preservada e que mesmo diante de uma profunda “noite escura” vale a pena continuar a viver.

Frankl (1991) defende que o homem é livre para escolher qual atitude deve optar perante um acontecimento trágico, cuja liberdade é capaz de direcionar a própria trajetória de forma negativa ou positiva. Esta liberdade para ele, também distingue o homem dos animais, ela se resvala a partir da herança, do meio ambiente e dos instintos. De forma que o homem diante de um confronto é capaz de responder mediante o uso de valores positivos – de modo proativo.

Acreditou, portanto, na potencialidade humana de transcender o mais cruel limite da realidade. Mostrando a possibilidade de encontrar uma alternativa capaz de orientar e justificar a preservação da vida sob quaisquer circunstâncias. Demonstrou pela própria vivência que a prática concreta do amor é capaz de mediar à libertação externa e interna do homem. Isto é, ter um sentido de vida é o segredo para transcender os próprios limites, pois, para ele até no sofrimento é possível encontrar e realizar um sentido.

Alguns desistiam de continuar vivendo por não encontrar nenhuma razão para suportar a dor, outros reencontraram a si mesmos quando se confrontaram com o significado de suas próprias vidas. Frankl nos campos de concentração soube enfrentar a dor e o sofrimento com dignidade humana e reafirmar a incondicionalidade do sentido da vida, chegando à conclusão de que “se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá”. (Aquino, 2011, P. 27).

A experiência de conquistar um sentido numa profunda vivência de angústia e sofrimento denota uma capacidade para além de

si mesmo, em que tal sofrimento é transformado numa ação significativa “[...] que a quintessência do homem consiste em ser uma pessoa que sofre, um homo patiens.” (Frankl, 2012, p. 139). Nesta perspectiva olha-se para o humano como um ser dinâmico, capaz de mudar sua trajetória mediada pelo sentido de vida, impulsionado por um projeto a ser realizado em prol de outrem. O compromisso do ser humano, portanto, não pode ser ignorado em face de pressões externas.

Assim sendo, o homem não é visto apenas como uma vítima do sistema socioeconômico no qual está inserido, ou apenas como uma coisa, mas, sobretudo, como alguém capaz de transcender a qualquer tipo de determinação, pois ele é livre e responsável, podendo “dizer sim à vida, independentemente de quaisquer condições e circunstâncias, mesmo as mais desagradáveis e desfavoráveis”. (Frankl, 2012, p. 148), pois, apesar de tudo “precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização” (Frankl, 1991, p. 98).

O autor lembra também que a busca de sentido na existência é realizada por meio da vivência de valores positivos – de valorização da vida. De modo que a realização das necessidades básicas promove a sobrevivência, porém, não garante a satisfação de sentido perante a vida, pois, “o ser humano não vive apenas de bem-estar” (Frankl, 1991, p. 121). Afirma que a motivação para esse sentido depende da forma como se organiza a vida em prol de algo ou alguém de um projeto a ser desenvolvido.

A esse processo ele denominou de autotranscendência da existência humana. Sinalizando que: [...] o homem só se torna

homem e só é completamente ele mesmo, quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou ao amor a outra pessoa. (Frankl, 1991, p. 57). Mostra que o indivíduo só se autorealiza na medida em que encontra um sentido e o cumpre numa ação sempre voltada para o outro – uma ação de amor/transcendência.

De modo a dar sim à vida numa atitude de amor e reverência apesar de sua faceta trágica – “é a redenção pelo amor e no amor”, pois, “o amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo de sua personalidade” (Frankl, 1991, p. 43 e 100). O dinamismo amoroso utilizado por Frankl em seu cotidiano no campo de concentração, enquanto resposta criativa ao seu sofrimento manifestou-se em sua atitude de confiança, na contemplação da natureza, na humildade, no humor, na adoração à sua amada esposa em que recitou poemas de amor.

Tais estratégias propiciaram a retomada de sua vida após sua libertação do campo de concentração, reconstruindo sua “existência desnuda”. O pensamento de Frankl (1991) orienta a termos consciência de que em cada experiência há uma oportunidade dentre tantas para agirmos eticamente, pois, assegura que o homem pode ser feliz sofrendo com coragem, amando alguém ou realizando uma tarefa, uma vez que este, mais que desejar uma felicidade necessita de um propósito para alcançá-la. Defende que,

O amor contempla e abre possibilidades de valor no tu amado. Logo, o amor em sua contemplação espiritual antecipa algo; ou

seja, o que uma pessoa concreta, exatamente a pessoa amada, pode albergar em si de possibilidades pessoais ainda não realizadas. (FRANKL, 2012, p. 80).

Vemos que a dimensão noológica do ser humano se constitui e se potencializa quando os valores são acionados pela vontade e liberdade do homem, no sentido de conquistar saltos para além daquilo que está posto. Desta forma, o amor funciona como uma energia mediadora e transformante, de modo a compreendermos que vale a pena investirmos em práticas solidárias que visem atender as necessidades de outrem.

A Logoterapia, portanto, propõe-se a estimular a vontade de sentido por meio de possibilidades e oportunidades concretas, pois, “a análise existencial vê a luta pelo sentido da existência e se entende como ajuda na descoberta de sentido”. (Frankl, 2012, p. 122). Desta forma, entendemos que a Logoterapia não se propõe a receitar um sentido para o indivíduo, no entanto, ajuda-o a ampliar sua percepção e abertura para focar o essencial de uma existência: uma vida de sentido através da mudança de valores, pois, de acordo com Frankl (2012, p. 134), “não existe nenhuma situação que não se possa enobrecer, seja pelo o agir, seja pelo suportar.”, em ambas o homem é interpelado ao cumprimento das possibilidades de sentido e de valor.

Trata-se de uma “educação para a responsabilidade, pois todo ser humano tem a obrigação de continuar vivendo, apesar de tudo”, já que a existência por si mesma carrega um sentido que se encontra imbricado no humano, assim nos adverte o pai da Logoterapia. Indicando que a vida é um projeto

infinito em constante transformação em que o homem vai sendo reelaborado e ressignificado a cada instante frente à contingência humana.

Ele pode optar por uma atitude construtiva em qualquer crise existencial, construindo o próprio caminho. Assim como alerta Frankl (1991), “cada um de nós é uma nota musical única numa grande composição cósmica. Cabe a nós descobrir nossa alma – nosso chamado mais alto – e tocar sua música única”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o poema ‘A Noite Escura’ de São João da Cruz e o livro ‘Em busca de sentido de Viktor Frankl’, percebemos que estes se apresentam enquanto símbolos literários capazes de revelar infinitas interpretações. Pois, é próprio da produção artística suscitar elementos ligados ao mistério transcendente, recaindo nas questões de possibilidades de sentido, encontrados, muitas vezes, em situações limites da condição humana.

Percebemos nestas experiências enquanto prisioneiros, sob um contexto de total descaracterização daquilo que entendemos ser humanos que, ambos encontraram saídas criativas para a preservação da vida. A entendermos que, a todo instante, o ser humano é acionado por pressões externas e que este pela liberdade que lhe é inerente terá sempre a oportunidade de escolhas. Identificamos também que o processo de significação humana ganhou sua expressão no amor para com o Outro. Garantindo, por conseguinte, a reconstrução de uma vida que passou por uma tremenda ‘noite escura’ e uma intensa ‘vida

desnuda', em que o impulso transcendente - especificamente humano, abriu-se para um destino criativo.

Ter amorosamente um motivo concreto que valha a pena viver sob quaisquer circunstâncias favorece a autotranscendência. Processo este intensamente transformante, pois, ao revisitar a história destes protagonistas, encontram-se a mística da cordialidade e da amabilidade, cujas estratégias fizeram-lhes encontrar luz em meio a tanta escuridão e descobrir que "aquilo que emite luz deve suportar o calor".

Ao ter responsabilidades por algo ou alguém, transcenderam os limites impostos, mostrando que o ser humano é sempre 'MAIS QUE'. Logo, a análise de uma obra literária enquanto objeto de estudo traz à tona um fértil caminho de reflexão; a termos um olhar sensível acerca da Sacralidade mediada pela autotranscendência humana presente nos textos. De modo a entendermos que uma vida de sentido e a busca por sua realização é imprescindível na trajetória humana frente à sua transitoriedade cotidiana.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. (2011). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. JP: Ed. Universitária UFPB.
- Bingemer, M. C. (2004). *A mística cristã em reciprocidade de diálogo: a mística católica e o desafio inter-religioso*. SP: Paulinas.
- Boff, L. (2000). *Tempo de transcendência*. SP: Sextante.
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito*. (Td. Carlos Felipe Moisés), SP: P. Athena.
- Cruz, S. J. C. (2002). *Obras completas*. (Td. Carmelitas descalças do convento de Santa Tereza - RJ), Petrópolis: Vozes.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. (Td. Rogério Fernandes), SP: Martins Fontes.
- Frankl, V. E. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concretização*. (Td. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline), Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus*. (Td. Walter O. Schupp e Helga H. Reinhold), Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e análise existencial* (Td. Marco Antônio Casa nova), RJ: Florense.
- Sell, C. E. (2006). *Mística e sociedade*. SP: Paulinas.
- Souza, C. F. B. (2010). *A mística do coração*. SP: Paulinas.
- Stein, E. (1998). *A ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. (T.d. D. Beda Kruse), SP: Loyola.
- Teixeira, F. (2004). *No limiar do mistério: mística e religião*. SP: Paulinas.

- Teixeira, F. (2006). *Nas teias da delicadeza: itinerários místicos*. SP: Paulinas.
- Teixeira, F. (2012). *Caminhos da mística*. SP: Paulinas.
- Vannini, M. (2005). *Introdução à mística*. (Td. José Afonso Beraldin), SP: Loyola.

Enviado em: 18/06/2014

Aceito em: 06/08/2014

SOBRE OS AUTORES

Claudiana Soares Costa. Possui bacharelado em Serviço Social e Licenciatura em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Assistente Social do Núcleo de Educação Inclusiva do Município de Conde (em licença para mestrado). Especialização em Ciência das Religiões: Metodologia e Filosofia do Ensino pela FIJ; e Gerontologia Social pela UFPB. Mestranda em Ciências das Religiões e pesquisadora na área de Literatura e Sagrado, com ênfase no Simbolismo religioso.

Fabício Possebon. Possui graduação em Letras: grego e português pela Universidade de São Paulo, graduação em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestrado em Letras - Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e doutorado em Letras pela UFPB. Atualmente é Coordenador da Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Ciências das Religiões e professor adjunto do Departamento de Ciências das Religiões, Centro de Educação – UFPB.